A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

???

Escrever uma chronica sem assumpto que lhe sirva de mote, é realisar um impossivel metaphysico. Fallar da semana quando ella se nos recommendou, apenas, por um calor intertropical, representa o mais extraordinario de todos os prodigios.

Nós podiamos, verdade seja, tomar esse mesmo calor como

NO PARQUE, DEPOIS DE JANTAR (Quadro de J. Hennings)

pretexto para largas tiradas de prosa: longa tanto d'essa temperatura assassina para nos servir de thema a um acêrvo de fantasias abracadabrantes: narrar, a proposito das ultimas noites calidas, as horrendas agonias a que o sarão implacavel nos condemnou, o supplicio atroz da falta de brisas, as torturas d'uma quasi suffocação permanente, que poz a nossa pobre individualidade em riscos de passar a outros mundos talvez bem melhores...

Mas isso tudo é banal e não teria, ao menos, o merito de ser novo. Não houve por ahi ninguem que não experimentasse os horrores d'essa asphyxia lenta. O que nos succedeu a nós é a historia de muitas mil almas, de muitos mil desgraçados, suando copiosa e largamente por todos os póros, correndo, apopleticos, ao passeio d'Alcantara, onde as folhas do arvoredo pendiam lisas e estiradas, sem uma oscillação sequer que denunciasse o perpassar suavissimo da fresca aragem appetecida.

Esses dias abrazadores e essas noites medonhamente afflictivas constituem um largo poema d'angustias. Descrevel-as é bulir em coisas tristes, e de tristezas anda farta a pobre humanidade, sentindo a cada passo os arrepiamentos que o horror da epidemia cholerica lhe provoca.

=O cholera? É verdade. Ahi está um assumpto. Não prima por novo, tambem, mas será o salvaterio dos chronistas, emquanto o negro flagello passeiar atrevidamente pela Europa, e o esculapio allemão, Koch não inventar algum orthoptero de nome ainda mais atravezado que o microbio.

É espantoso o que os sabios lá de fóra, reunidos em congresso, teem dito, *ex cathedra*, sobre a maldita peste asiatica. Sustentam-se, a respeito d'o assumpto, as theses mais contradictorias, formulam-se as theorias mais estravagantes, decretam-se as prescripções mais ridiculas e absurdas.

É a revolução completa na sciencia!

O que se tem feito, desde tempos immemoriaes até hoje, para preservar do cholera, não passa de pura *blague*, segundo o parecer d'aquelles reverendissimos benemeritos.

Dizem uns que o chlorureto de zinco dá cabo dos microbios. Veem outros, e replicam, acto continuo, que não: que, quando toca algum microbiosinho enfermo, basta-lhes mergulhal-o n'aquella droga, para tomar alento e vida.

O sabio X... assegura que o microbio morre d'amores pela agua e dá o cavaquinho pela humidade. Salta-lhe á perna o collega Y... e nega decididamente a asserção, affirmando que o pobre animalejo se asphyxia no protoxido de hydrogenio e gosta de deitar as mãosinhas de fóra em pleno sol estivo, ao abrigo do frigido elemento. A agua arrasta-o para os abysmos, diz aquelle. — Mentes tu! replica este; dá-lhe azas e insufla-lhe vigor.

— É mister isolar os focos contaminados, brada o sabio M...

— Estupida precaução essa! redargue o doutor P...: as quarentenas terrestres são impraticaveis.

— Torna-se indispensavel desinfectar os viajantes! berra o esculapio F...

— Para que? pergunta o dr. O..., se não podemos desinfectar-lhes os intestinos?

No conceito d'uns, o acido phenico é magnifico para preservar do contagio; na opinião d'outros, cura sezões depois de morto, e não destroe o microbio daninho.

Munidas d'estes esclarecimentos preciosissimos, illuminadas por este — dize tu, direi eu — de jogo do Padre Cura, as municipalidades e as administrações francezas, segundo rezam varias chronicas parisienses, andam n'uma lucta desesperada para ver qual d'ellas ha de fazer mais grosso disparate.

Aqui, é um *maire* auctoritario, que, por seu livre arbitrio, fecha as portas da cidade onde exerce governo e mando. Ali, é um outro *maire* atrabiliario, que ameaça de cortar as linhas ferreas, se os viajantes não forem convenientemente desinfectados, fumigados, vaporisados e... asphixiados.

Conclusão: Enlouqueceu tudo em França, *maires* e sabios, doutores e conselheiros municipaes, governo e governados. O cholera faz-os andar lunaticos, inconscientes, n'aquelle estado de imbecilidade que as grandes commoções provocam, uma imbecilidade geradora de mil desatinos e de mil calinadas estravagantissimas.

Os sabios, sobre tudo, estão muito doentinhos, coitados! N'aquelles cerebros anda microbio; n'aquellas massas encephalicas revolve-se um mundo de infinitamente pequenos, como nos musculos, nos intestinos, na agua, no queijo Gruyère, no vinagre de Sete Ladrões, na batata e na cepa.

Quem, por fim, se ri d'elles todos é Grévy, o bom velhote do Elyseu!

=Nós cá, por emquanto, mercê do Altissimo, não temos querido perfilhar as estranhas theorias do sabio allemão e d'alguns seus collegas francezes, no tocante á réga de ruas, arejamento de habitações, lavagem do proprio individuo, desinfecção de casas, mercados, edificios publicos, escadas, sentinas, lojas, pateos e kiosques. Ainda não se desinfectou tudo, é certo: ha por ahi muito porcalhão relapso que teve sempre horror á agua e que continua a tel-o, servindo-lhe de desculpa as prescripções do doutor Koch; mas, em summa, póde já dizer-se que nunca a enxovalhadona rainha do Tejo apresentou a cara tão bem lavada e os pés tão cuidadosamente aromatisados.

A quelque chose malheur est bon.

É de crer que lá sob as roupagens phenolisadas pela policia sanitaria, se esconda alguma podridãosinha rebelde aos desinfectantes municipaes. Em todo o caso, as ruas estão lavadas e limpas: o Chiado exhala aromas a que a nossa pituitaria não andava affeita: respira-se, por toda essa Baixa, um perfumado e saudavel ambiente de phenol, que consola e agrada.

A policia, á cata do microbio devastador, fareja, basculha, espreita, mette o nariz em toda a parte: faz reviver as posturas que eram lettra morta; vela pela salubridade do nosso estomago, apprehendendo, nas mercearias dos Borgias lisbonenses, o chouriço avariado, o Collares azedo e o *fiel amigo* putrefacto.

Bacalhau com microbios, vae parar ao Tejo. Vinho com sabor indefinivel, idem. Carne ensacada, com insectos suspeitos a caracolarem á superficie, segue o mesmo rumo. Uma verdadeira *razzia*, que talvez nos livre de qualquer flagello exotico, mas que nos ameaça d'outra peste verdadeiramente indigena:—a subida fatal e immediata no preço dos generos alimenticios.

O pequeno traficante, cotadinho, lezado no seu commercio de carnes putridas e de vinhos venenosos, não póde resistir por muito tempo ao furor policial e acabará por nos levar coiro e cabello, por nos exigir a bolsa ou a vida.

D'um lado, o cholera a amedrontar-nos; do outro o tendeiro a vingar-se em nós, dos prejuizos que a policia lhe causa!

=E o peior é que o zelo muito louvavel do nosso conselho de hygiene, exercendo-se em toda a sua magnitude na praça da Figueira, onde as podridões pullulam, acaba de pôr a população da capital em grave risco de não ter hortaliça para condimentar o caldo quotidiano. Os vendedores da couve lombarda e do nabo saloio, escorraçados d'aquelle ambito infecto, e mandados estabelecer tendas ao longo do Aterro, constituiram-se em *grève*, protestando, pelos manes dos seus avós, que não mais nos regalariam com um molho de frescos e rosados rabanetes.

Ou a praça da Figueira ou a praça de D. Pedro. O Aterro, nunca!

Ao cabo de profiada lucta, a municipalidade curvou a cabeça e permittiu que os *grèvistas* fossem exercer o seu trafico em frente da estatua do rei soldado.

Vendedores do repolho indigena, eu vos saúdo! Ao menos, com a vossa victoria, ganhará o nosso estomago, e a panella caseira não deixará de fazer-se, á mingoa da burgueza mão de nabos tradicional!

=Lembra-nos agora mesmo um bello assumpto: — a serenata pelo Tejo, a que a nossa ultima chronica alludiu muito ao de leve. Se mais cedo elle nos affluisse aos bicos da penna, menos embaraçosa teria sido hoje para nós a missão de chronista.

O brilhantismo d'aquella diversão encantadora prestava-se a longas narrativas, levando-nos, talvez, a fazer aqui a apresentação de duas cantoras distinctissimas, verdadeiras artistas *d'élite*, para quem foram as honras da noite e os applausos mais phreneticos de todos nós.

Temos, porém, de resignar-nos a deixar para mais tarde esta indiscriçãosinha innocente, e a substituir, por um BRAVO aos iniciadores da alegre festa, o *compte-rendu* que não podemos agora fazer.

=O dia 24 de julho... Mas basta: essa data gloriosa pertence á historia...

C. DANTAS.

A MORTE DE UM GRANDE HOMEM

II

A AGONIA

Nem os cuidados e desvelos da sobrinha, nem os esforços desesperados da sciencia poderam salvar da morte inevitavel o conselheiro Luiz Galvão de Vasconcellos. E comtudo, por essa illusão consoladora que acompanha algumas doenças como um derradeiro favor que a Providencia concede aos que a sua lei condemna, Luiz Galvão sentia-se com esperanças de vida, julgava-se melhor, recebia — pobre moribundo! — com lagrimas de alegria essa visita da saúde, que vinha dar-lhe um ultimo sorriso.

Helena queria illudir-se tambem, mas o melancholico abanar de cabeça do dr. Machado não lhe permittia acariciar essa derradeira esperança. Tinha de constranger-se portanto, via-se obrigada a mostrar-se radiante de alegria, quando o enfermo, por um ultimo esforço, conseguia sentar-se na cama para beber um caldo, que era, dizia elle, o seu primeiro caldo de convalescente.

E, emquanto no quarto havia sorrisos e esperanças, cá fóra o medico dava o fatal desengano aos que lhe pediam noticias.

—Vem ahi a morte, dizia elle. Estas falsas melhoras são o ultimo clarão mais vivo da lampada que vae extinguir-se. Talvez não chegue ao dia de amanhã.

—Coitado! murmurava o Luiz Vianna. Ha por ahi tinteiro e penna? perguntou elle a um creado que passava.

—Póde entrar aqui no escriptorio, sr. doutor, disse o creado, empurrando a porta, e mostrando ao jornalista a secretária, onde estava ainda aberto o ultimo livro que Luiz Galvão consultára.

—Olha lá, ó José, observou o jornalista, tu é que me podias fazer um grande favor.

—Estou ás ordens de v. ex.ª

—Eu vou aqui escrever um artigo, entendes?

—Sim, senhor.

—Mas quero ver se me deito cedo, porque ando tresnoitado com estas massadas todas.

—Ah! sr. doutor, eu então estou arrombado.

—Bem! pois, quando o conselheiro morrer — diz o dr. Machado que elle não passa d'esta noite— quando o conselheiro morrer, tu vens aqui, pegas no artigo que ha de ficar já sobrescriptado e prompto, e mandal-o logo, logo, seja a que horas fôr, á redacção da *Imprensa Livre*. Seja a que horas fôr, percebes? Se não tiveres portador, vae tu mesmo, mette-te n'um trem, que eu pago.

—Esteja descançado, sr. doutor.

E o creado sahiu correndo, emquanto Luiz Vianna, sentando-se commodamente, espreguiçando-se um pouco, dobrava uma folha de papel em pequeninos quartos, e escrevia no alto de um d'elles: *Morte de Galvão de Vasconcellos.*

—Fazendo assim, pensava, tenho a certeza de publicar um artigo pensado maduramente, embora o Galvão morra, já quando o jornal estiver a entrar no prelo. Se não tenho tão feliz lembrança, via-me obrigado a escrever um necrologio á pressa, carregado de somno, e que não valia um pataco. Assim posso até ser o unico a dar a noticia, e logo n'um artigo desenvolvido. A'manhã a *Imprensa livre* vende-se como canella.

E, depois de escolher uma penna nova, Luiz Vianna começou, com a sua melhor letra, historiando mesmo um poucochinho a calligraphia, para dar tempo aos pensamentos de affluirem, o seu artigo necrologico:

«Estavamos já preparados para esta fatal noticia, mas foi ainda assim com a mais dolorosa surpreza que a recebemos. Galvão de Vasconcellos já não existe. A's horas da noite apagava-se para sempre a luz d'aquelle talento...

E ao lado escreveu em letra miudinha: *Aviso ao sr. revisor.*— Queira preencher este branco pondo a hora, a que o creado que lhe levar o artigo lhe disser que o homem falleceu.»

Cá fóra o medico via-se rodeiado de uma turba impaciente que o não deixava.

—O meu compadre morre? perguntava um homem alto, famelico, mal vestido, agarrando o dr. Machado pelas abas do casaco.

—Eu não sei, senhor, respondia o medico enojado. A vida e a morte estão nas mãos de Deus.

—Mas é que eu queria-lhe fallar.

—Isso não póde ser. O conselheiro não falla a pessoa alguma.

—Ha de-me fallar a mim, que eu sempre fui muito amigo d'elle. Sou o seu compadre Leal, que nunca lhe faltou nas eleições. Eu quero fallar ao meu compadre.

—Pois não falla ao seu compadre, nem á sua comadre, com seiscentos diabos, bradava o medico desesperado.

—Coitadinho do meu compadre! dizia o homem esganiçando-se. Pois elle ha de morrer sem me deixar uma lembrança! Até é uma consciencia! Se elle soubesse que a sua comadre prometteu ir ao Senhor dos Passos descalça se elle se salvasse, havia de se lembrar da gente, e do seu afilhado, que está sempre a chamar pelo padrinho!

—Ponham esse homem fóra, exclamou o medico perfeitamente com a cabeça perdida.

A ordem foi rapidamente executada, mas começou logo outra scena. Os creados rodeiavam supplicantes o medico, e diziam-lhe:

—O' sr. doutor, então elle não faz testamento?

—Eu sei lá, homens de Deus! eu sei lá!

—O' sr. doutor, pois nós que o servimos tão bem, exclamava um creado n'um tom plangente.

—Eu que lhe fazia com tanto cuidado os seus caldinhos, que elle até dizia ainda agora que lhe sabiam a mel! exclamou a cosinheira, limpando os olhos ao avental.

—Ficamos desgraçados, sr. doutor!

—O' homens, pois vocês querem que eu vá desilludir aquelle infeliz, que está agora com uma esperança de vida, esperança que é a sua ultima e enganadora consolação. Não póde ser! não póde ser!

Mas n'isto uma voz afflicta bradou do alto da escada:

—Doutor! doutor! por quem é! meu tio está muito mal!

—Ahi vou, D. Helena, ahi vou! Tenha animo!

E ia subir a escada a quatro e quatro, mas os creados agarravam-n'o, avidos, terriveis, raivosos e com toda a ferocidade hedionda da cubiça que já não tem tempo de se disfarçar com os respeitos humanos.

—Sr. doutor, diga-lhe que faça testamento!

—Olhe que é uma responsabilidade muito grande que v. ex.ª toma, observava o secretario. Não fallo por mim, accrescentou elle a um olhar furioso que o medico lhe deitou, mas por esta pobre gente.

—Ah! é mesmo um roubo que nos fazem! gritava a cosinheira.

—Não! que eu vou dizer á menina! exclamou uma creadinha espevitada, mettendo as mãos nos bolsos do avental.

E ia a subir a escada, mas o medico, furioso, agarrou-a com força, e disse, com os dentes cerrados:

—O primeiro que entra n'aquelle quarto sem minha ordem sae d'ali feito em pedaços.

—Doutor! bradou Helena de novo, com voz suffocada em pranto.

Os creados tinham recuado, o doutor subiu a escada, e o secretario do moribundo, fazendo um gesto insultante, abriu a porta e sahiu para a rua.

Andava um homem a passeiar diante da porta.

—Já morreu? perguntou elle, assim que viu sair o secretario.

—Está quasi.

—Então posso contar com o enterro?

—Eu sei lá! o dr. Machado, ainda agora, assim que leu as primeiras linhas da sua carta, rasgou-a.

—Pelintra! E' que já estará fallado por outro.

—Talvez! que aquillo tambem é um catão. Olhe que não quer fallar ao homem para elle fazer testamento.

—Puph! já se abotoou previamente.

—Ou vem a casar com a sobrinha. Tambem é uma peça a tal menina!

—Mas o peior é se me escapa o enterro, que não se torna a apanhar outro tão bom.

—Falle com o Mendes Nogueira, falle com o Mendes Nogueira que elle pode arranjar tudo.

—O Mendes Nogueira é todo do visconde de [illegible], e o visconde protege a todo o panno o meu collega Azevedo, que tambem anda aqui a rondar a porta.

N'isto ouviu-se no cimo da escada um grito dilacerante, que fez correr um calafrio pelas veias dos mais indifferentes.

Houve um instante de silencio entre os dois.

—Esticou a canella! observou philosophicamente o secretario.

—E lá está o Azevedo! exclamou o seu interlocutor vendo apparecer um homem a uma esquina, e voltando-se para o outro lado, e divisando outro vulto, bradou indignadissimo:

—E esta! lá vem o Gomes do Loreto tambem! Não pode um homem fazer o seu negocio! São logo tres cães a um osso!

A comparação era falsa, e era um insulto para os cães.

Um uivo prolongado e plangente, que se ouviu lá em cima, foi como que o protesto.

Não eram cães, não, que os cães são generosos. Eram os negros corvos, que, sentindo o cheiro da carne morta, vinham pairar sobre o cadaver.

PINHEIRO CHAGAS.

EPICURISMO

Ha no teu ser estranhas harmonias
Que embriagam as minhas illusões,
Que me fazem pensar noites e dias
No peccado mortal das tentações.

Se cantas, tens a voz das cotovias;
Se olhas, incendeias corações,
Despertas uma a uma as melodias
Do tremulo carnal das sensações.

Quero amar-te, mulher estremecida,
Que tens no teu olhar a grande vida
D'um mundo todo em flor, em pleno azul...

Tens nos labios a febre dos desejos...

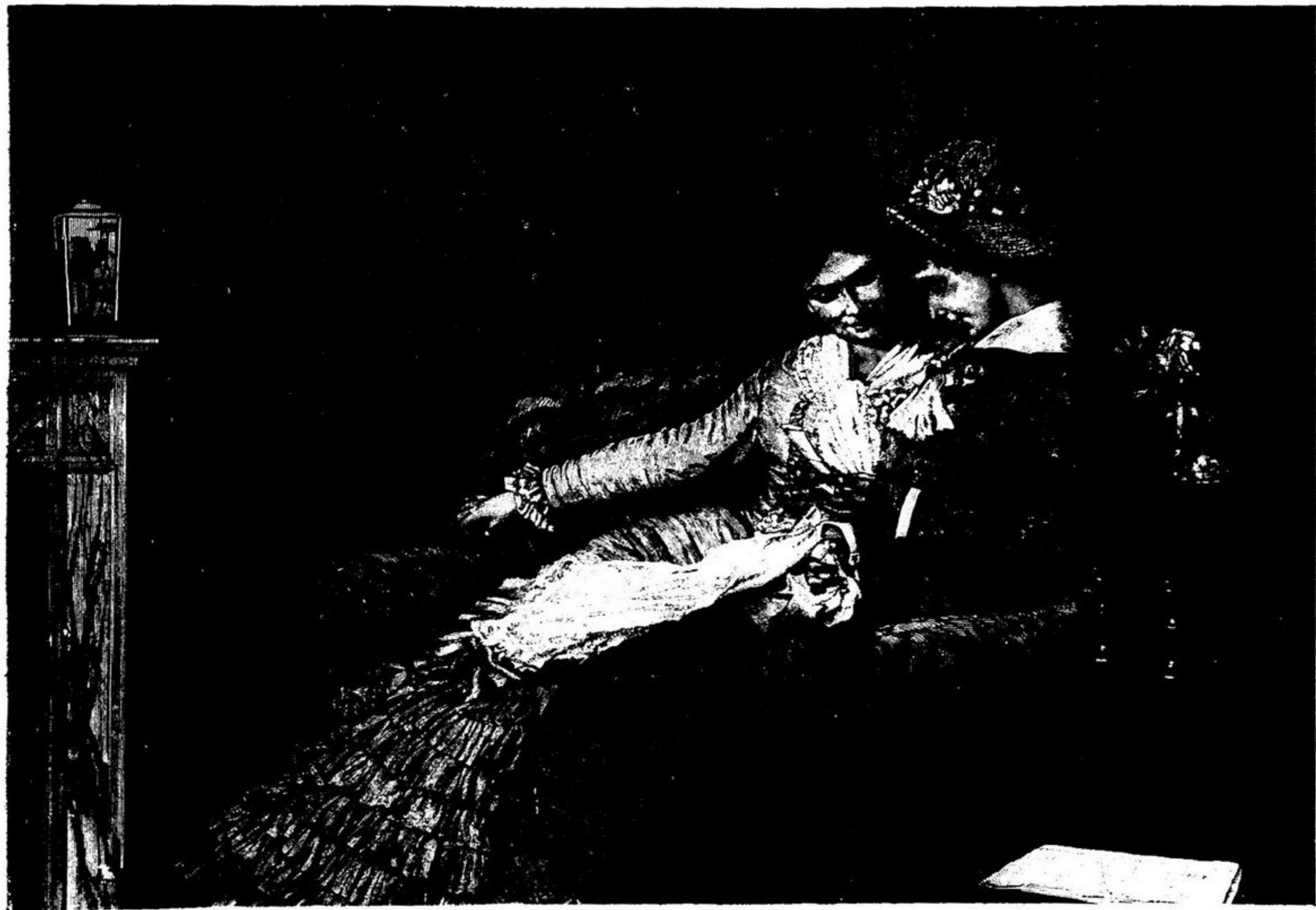
—Da-me um copo de vinho dos teus beijos
E era uma vez um novo rei de Thul!

SERGIO DE CASTRO.

A TOMADA DE BENASTARIM

Os Commentarios d'Albuquerque foram escriptos pelo filho sobre as cartas do pae. Hoje, essas cartas, estão ao alcance de todos depois que a Academia Real das Sciencias as publicou em volume.

A leitura dos Commentarios é agora de muito maior interesse, por que podem ser cotejados com os preciosos documentos firmados pelo punho do homem extraordinario, que nos fundou um imperio no Oriente.

A carta XXII da collecção, dirigida a el-rei D. Manoel, é a descripção do assalto a Benastarim.

UMA CARTA D'ELLE... (Quadro de José Scheurenberg)

UM IDYLLIO NO MAR

Quadro de I. Kray

TEIMOSIAS INFANTIS (Quadro de B. Vautier)

Na nossa rapida narrativa iremos seguindo os Commentarios e a interessante missiva de Albuquerque.

A fecunda cabeça do heroe lendario estava em constante actividade.

Avassalado Ormuz, conquistada Gôa, segura Malaca, iria ainda, antes da tentativa de Adem, dar um golpe de mão atrevido, expulsando das proximidades da grande cidade da India o inimigo poderoso dentro dos muros de Benastarim.

Affonso d'Albuquerque, certo de que não viria n'esse anno — 1512—a armada dos rumes, antes que o Hidalcão soubesse da sua volta a Gôa, decidiu o assalto á fortaleza. Os melhores capitães do Hidalcão estavam em Benastarim, á testa de numerosa guarnição e grandemente apercebidos.

Na India escaceava não só gente, porém armas e outros instrumentos de guerra. Debalde o grande capitão pede e implora constantemente a D. Manuel que lhe mande recursos; a mão do principe acurtava de providencias que lhe assegurariam um imperio.

Para quem ler com attenção a correspondencia de Albuquerque, o rei D. Manuel sae d'ali muito mal tratado, tanto moral como intellectualmente.

O ataque devia ser por mar e por terra.

Os capitães suissos amestravam e punham em ordem a sua gente. [1] Os fidalgos, entre os quaes primavam Pero de Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, á frente das suas batalhas—como se dizia então.

Albuquerque mandou desembarcar toda a gente d'armas das naus, deixando-lhe apenas os marinheiros e bombardeiros. No commando estavam os capitães mais experimentados e decididos. Albuquerque foi por Gôa a Velha, segundo a sua propria expressão, tomar-lhe o passo por mar, antes de os cercar por terra. Os navios chegaram até á fortaleza. A artilheria do inimigo era poderosa. Albuquerque, apesar da força das balas, vendo o animo dos seus, ordenou que as embarcações se approximassem mais.

Garcia de Sousa, na grande nau *Malabar*, atravessou-se entre os portuguezes e o inimigo. Os turcos tinham assestado ao lume de agua um bazalisco que fazia terrivel estrago nos nossos navios. Albuquerque, fiado na valentia do seu condestavel, mandou-o com seis bombardeiros prolongar-se com a bateria da fortaleza a ver se lhe podia desmontar o bazalisco. Vingou a decisão arrojada do condestavel e dos seus homens, que tiveram a boa fortuna de inutilisar com uma bala o mortifero instrumento.

Dois dias depois da primeira refrega, recomeçou o combate. Sobre a nau de Ayres da Silva, que se atravessára, cahiu a força da artilheria inimiga e uma pedra de bombarda incendiou tres barris de polvora, que fizeram saltar a coberta, o castello de prôa e a ponte. Toda a gente desorientada se deitou ao mar; só o capitão Ayres da Silva ficou no seu posto de honra. Os da fortaleza, vendo a confusão dos nossos, começaram em grandes assuadas e alvoroços de victoria. N'esse passo, Albuquerque saltou á nau, e ameaçador, terrivel, grande, fez com que toda a gente que se salvava a nado voltasse a bordo. Transcrevemos as suas palavras com a propria orthographia:

«...Saltey ao navio em hum esquify soo, e chegando a ele bradey á jente que sacolheo a nado a nao malabar, onde estava garcia de Sousa, acusando os com minha pesoa; dizendo lhe alguãs palavras de Repremsam os fiz volver a nao.» [2]

O combate prolongava-se e recrescia. Os da fortaleza tinham recebido grandes estragos e com quanto o animo dos nossos fosse cada vez maior, o desfecho estava longe. Affonso d'Albuquerque, com o olho de grande general, julgou chegado o momento opportuno para dar o assalto por terra: assalto rapido e imprevisto. Saiu com a sua gente ordenada em tres batalhas. A' frente ia Pero de Mascarenhas. Um dos grandes esforços de Albuquerque era conter o impeto dos nossos, cujo valor tocava no delirio.

A descripção do combate vem promenor e admiravelmente narrada nos Commentarios, que seguem passo a passo a carta de Albuquerque a el-rei D. Manuel. Tivemos a victoria. Lopo Vaz de Sampaio e outros fidalgos, querendo entrar a escala vista, ficaram feridos. O primeiro a chegar ao muro foi Pero de Mascarenhas. Affonso de Albuquerque, findo o combate, approximou-se d'elle, abraçou-o e beijou-o. Devia de ser commovedor este lance: mas a inveja damnou-o. Mascarenhas, não só praticára maravilhas, como deixára a capitania de Cochim expontaneamente, para vir auxiliar o governador. Albuquerque, com o seu espirito de justiça, fez-lhe uma distincção. Francisco Pereira, mais impetuoso e menos soffrido de que os outros, atreveu-se a dizer-lhe palavras amargas. Affonso de Albuquerque, levando as mãos á loba escarlata que trazia vestida e rasgando-a no peito, disse-lhe:

—Arrenego da vida que vivo, Francisco Pereira, por isso me rasgo!

Quanta grandeza e quanta dôr n'estas simples palavras.

Os homens da estatura do heroe de Ormuz são tão grandes na gloria como no infortunio.

Os turcos capitularam. Uma das condições da capitulação foi a entrega dos renegados portuguezes.

[1] ...esy os capitães que me vosalteza mandou da soyça imsynavam e amestravam sua jemte e a punham em ordem.

Carta d'Albuquerque a D. Manoel depois da batalha. Cartas d'Albuquerque, pag. 105.

[2] Cartas de A. d'Albuquerque, pag. 104.

No livro das Scenas da India, sob o titulo: Fernão Lopes—o Mutilado—narrei o pavoroso castigo.

Albuquerque escreve a el-rei D. Manoel as seguintes palavras:

«Os arrenegados eu lhe dey a vida a requerymento do Ruztalcam, e os mandey danefícar em seus membros, decepados e aleijados e desorelhados, por espamto e memorya da traiçam e maldade que cometeram.» [1]

Era o espirito da epocha, que por toda a parte punha uma nodoa sangrenta nos mais brilhantes feitos.

Bem haja a civilisação, que tem no seu labaro immaculado e santo umas das palavras de Christo, palavra que resôa como um hymno de amor e de esperança—Fraternidade!

BULHÃO PATO.

[1] Cartas de A. d'Albuquerque, pag. 116.

AS NOSSAS GRAVURAS

NO PARQUE, DEPOIS DE JANTAR

(Quadro de J. Hennings)

Divertem-se.

O banquete foi succulento: as iguarias das mais finas: os vinhos esquisitos e generosos. O capitão-mór fez libações copiosas de velho Porto genuino; o Morgado, á sua parte, exgotou tres garrafas de Champagne, e o desembargador entrou pelo Madeira como um desesperado.

Depois do café, sentiram todos tres a imperiosa necessidade de tomar ar, é claro, e propozeram ás damas uma volta pelo parque, onde o declinar da tarde pozera já sombras frescas.

O que ali houve de galanteios ao bello sexo, de suspiros amorosos soltados á borda do grande lago, e de madrigaes floridos tendo por alvo as filhas do juiz de fóra, constitue um verdadeiro poema.

Isto passou-se no seculo passado, conforme a gravura indica.

Bellos tempos aquelles!

UMA CARTA D'ELLE...

(Quadro de José Scheurenberg)

Este *elle* é um garboso rapaz, um soberbo leão do *sport*, correctamente vestido segundo os ultimos figurinos inglezes, que a cortejava nos salões do grande mundo e que lhe fôra um dia apresentado no *five o'clock* da condessa Heloisa.

Verem-se e amarem-se foi obra d'um momento, segundo a formula epistolar amorosa de ha trinta annos. D'ahi, sorrisos ternos, requebros apaixonados, valsas estonteadoras dansadas por essas salas esplendidas do *high-life*, em que ambos acabavam por balbuciar phrases adoraveis, soletrando a palavra amor em todos os tons.

Um dia, elle escreveu-lhe em papel setinoso e perfumado. Foi a primeira carta. Ella, toda risonha e tremula, não cabendo em si de contente, correu a levar a boa nova á sua amiga dilecta do collegio e a pedir-lhe conselho.

Havia de responder? Devia ficar silenciosa, amando-o tanto? O caso era grave, e uma senhora que se preza de ser honesta não pode andar ligeiramente n'estes assumptos.

Será para bom fim que elle lhe diz:—amo-te?

Quem sabe!

TEIMOSIAS INFANTIS

(Quadro de B. Vautier)

Veem-n'o? E' o *ai Jesus* da mãe e do avô, o pequenino potentado da familia.

Ainda bem não abre a bocca, todos á porfia lhe satisfazem os caprichos e as exigencias tresloucadas.

Se pedir o sol, vão buscar-lh'o; se tiver desejos de brincar com a lua, são capazes de lh'a trazerem.

Isso tudo tem estragado o pequeno, a ponto de o tornar ás vezes insupportavel.

Um dos seus defeitos predominantes é a teimosia, aggravada com dois dedos de orgulho.

Agora teima em não querer acceitar d'aquelle bom rapazito do povo umas appetitosas laranjas com que elle vem mimoseal-o, contente e feliz.

A pobre criança já não sabe o que faça para vencer a repugnancia e a teimosia do morgadinho. Os pedidos e as instigações maternas são impotentes para destruir a contumacia do pequenino rebelde.

Talvez o pae, em voltando a casa, o persuada a ser menos cabeçudo.

Fiamos que sim.

UM IDYLLIO NO MAR

(Quadro de J. Kray)

Um doce idyllio em pleno mar, á mercê das vagas espumantes e das brisas suaves. Quadro mais para se admirar e para accender desejos nos corações dos namorados, do que para ser descripto em meia duzia de linhas banaes sem o colorido opulento que resalta da formosa téla.

No paraizo terreal foi a serpente que tentou a mãe Eva. Ali, sobre as ondas movediças, são dois anjinhos alados, dois amores brincalhões e sorridentes que convidam aquella encantadora mulher a saborear o fructo prohibido.

Elle, o Adão do quadro, segreda-lhe que acceite o convite tentador. Quem não faria outro tanto?

Ella denuncia, n'um meio sorriso condescendente, que está quasi resolvida a rilhar o pomo appetitoso.

O que nós não sabemos é que figura faz o barqueiro, assistindo impassivel áquelle idyllio mythologico!

QUE PANDEGO!

Pés frescos, mão no bolso, cachimbo do pae ao canto da bocca, e, quando Deus quer, dois grãos na aza!

Sabidas as contas, aquelle *gamin* precocemente libertino terá oito annos, quando muito; está em plena aurora da vida. Os da sua edade, nos nossos tempos, aprendiam moral em casa e faziam por ser homens na escola. Hoje aprendem d'aquillo; nascem já com a bossa da libertinagem desenvolvida; antes de engatinhar, fumam; mal dão os primeiros passos, embriagam-se com kentucky forte, quando não recorrem, tambem, ao alcohol bestificador.

Aos doze annos não escrevem o seu nome, mas, em compensação, apparecem-nos já eivados de vicios asquerosos e sabem de cór o calão ordinario dos extravagantes réles.

Ça marche! C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

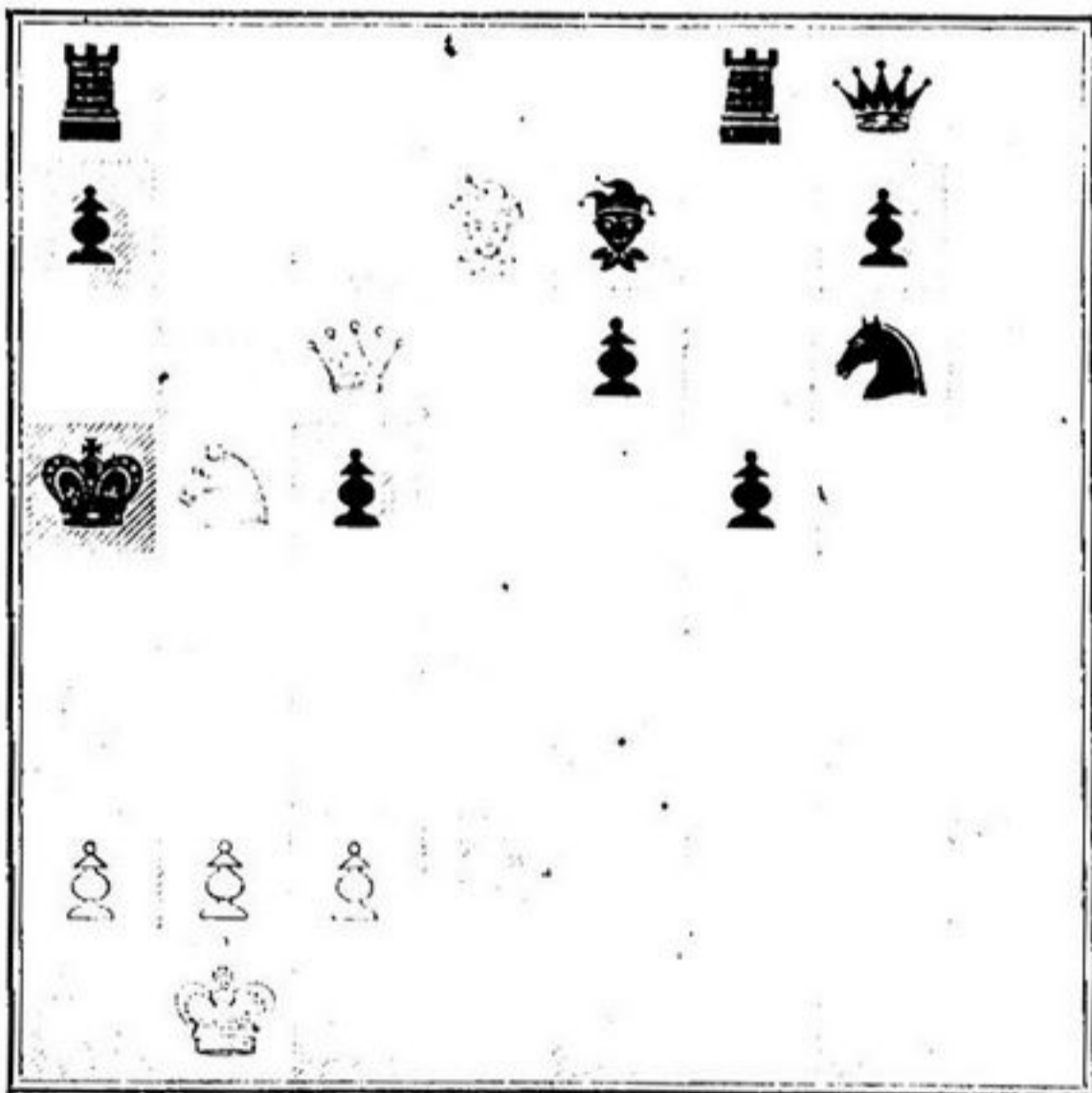
CHARADAS NOVISSIMAS

Doce chimera, que dilacera e desapparece—2—1.
O sonho de alguns, desespero de muitos, regalo de todos—3—1.
Uma flor, deliciosa, se fosse limpa—1—2.

TOM POUCE.

XADREZ

PROBLEMA N.º 2

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

A RIR

A menina X..., uma formosa donzellinha de quatorze annos detesta a moda dos vestidos curtos.

Perguntando-lhe alguem a rasão d'isto, responde:
—Quando ha lama na rua não se podem arregaçar!

*

A' sahida d'um concerto:
—Que familia d'artistas, a d'este X!... Elle, um pianista de primeira ordem... o pae, um violinista de grande merito...
—E o avô?
—Caixa de rufo n'um regimento d'infanteria!...

UM DOMINÓ.

PROBLEMA

Devido a Bháscara, author indio do seculo XII.

Des singes s'amusaient: de la troupe bruyante
Un huitième au carré gambadait dans les bois.
Douze criaient tous à la fois
En haut de la colline verdoyante.
Combien etaient-ils au total?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:
1.ª—Philosophia
2.ª—Deleite
Da carta enygmatica:—Monteiro.
Do problema:—De 280 maneiras differentes.
No enygma n.º 4:

A primeira por si só
Em quasi tudo tu vês;
E se juntas a segunda
Tens bicho de quatro pés.

Tercia e quarta é agua só,
Que corre mansa e bem pura;
O conceito d'isto tudo,
No tempo da escravatura.

(Corsario)

UM CONSELHO POR SEMANA

BRANQUEAMENTO DAS ESPONJAS

Obtem-se o branqueamento das esponjas de *toilette*, mergulhando as em acido muriatico diluido, durante 12 horas; lavando-as depois, muito bem, em agua pura, e introduzindo-as n uma dissolução de hyposulfito de soda, á qual, pouco antes de ser empregada, se junta a quarta parte d'acido muriatico diluido.

As esponjas vão pouco a pouco embranquecendo dentro d'este banho, e, quando estão de todo brancas, lavam-se em agua pura e seccam-se ao ar.

O JUSTO ENTERNECIDO

(CATULLE MENDÉS)

(IMITAÇÃO)

O Deus justo e terrivel, que tem o relampago no olhar e o raio na destra, Aquelle que pode com um gesto precipitar no eterno nada os astros e os mundos, escuta, pensativo, os Anjos, que regressam do nosso planeta, um depois do outro, trazendo noticias.

*

O primeiro Mensageiro diz:

«Visitei as sombrias e mysteriosas regiões que os mortaes designam pelo nome de Africa. Ahi, os homens colhem, com braços compridos como os dos macacos, estranhas flores para envenenarem as suas frechas, e arrastam penosamente as entranhas sustentadas a carne humana. Negros, no exterior como no interior, nem o pensamento lhes illumina as trevas da ignorancia nem a luz lhes afugenta as sombras do rosto. Não levantam nunca a cabeça para o céo! As suas divindades, fetiches de madeira carcomida ou de fragil barro, são tão pequenas que não lhes chegam á altura do joelho; para adoral-as precisam de rastejar na lama. As mulheres e os filhos d'esses homens constituem uma especie similhante á dos cães e dos lobos. Vivem do assassinio; matam para se alimentarem; preferem o sangue a todos os vinhos, e escolhem para travesseiro um cadaver. Ignobeis e ferozes, extasiam-se perante a matança, e as suas festas celebram-se no medonho apparato dos supplicios: das cabeças decepadas, dos peitos varados, das orbitas sem olhos, das boccas sem dentes, dos dedos sem unhas!»

A estas palavras, o Deus justo e inexoravel teve um estreme-

cimento de colera, que abalou a immensidade, e na claridade do espaço projectou-se a sombra da sua destra exterminadora.

*

O segundo Mensageiro acrescentou:

«Visitei o paiz do sol e do oiro, onde cantam todas as aves e florescem todas as rosas!

Ali as campinas, as copadas florestas, são tão vastas, desdobrando-se sob o azul profundo, que o longiquo rugido dos tigres chega ao ouvido, melodioso como o arrulhar dos pombos; os reaes elephantes, esmagando os bambús onde se entrelaçam os corallinos e os madhavis, — serpentes-flores e flores-serpentes,—vão beber aos grandes rios estrellados de lyrios e nelumbos.

Oh! esplendor paradisiaco dos horisontes! Neves do Hymalaia que se derretem em torrentes de luz! Valles desabrochados entre nuvens de perfumes! A India é a imagem do antigo Eden. Desgraçadamente, é habitada por cobardes Adões, que nem já teem o vigor preciso para colher o fructo da arvore defesa: paralisados pela ociosidade, bocejam estupidamente sob o mais formoso de todos os céos. Na ardente vida que os envolve, experimentam o horror da existencia: o seu enorme tedio, ambicionando o eterno somno, não descobre os horizontes, as neves, os valles onde resoa, ao raiar a madrugada, o galope dos antilopes; a sua inercia desdenha o beijo: macilentos, descarnados, devora-os a Fome e extermina-os a Peste. E no entanto, nas salas constelladas de pedrarias, reluzentes da luz que jorra dos candelabros, povoadas das fantasmagorias do opio, os senhores triumpham, reclinados sobre as pelles dos leões mortos, adormecidos nas blandicias do serralho. O orgulho supremo isola-se no egoismo, sem tocar, nem mesmo com a ponta do pé, a suprema miseria que se esphacela na extrema angustia. As cambraias, picadas de estrellas de oiro, das baiadeiras, põem o nimbo da apotheose em torno dos principes. De maneira que o vago ruido que sobe do continente, resplandecente de sol, onde os senhores velam no jubilo, onde os povos dormem na ignominia, é feito de alguns canticos de festa e de um enorme bocejo.»

A estas palavras, o Deus justo e terrivel, franzindo as sobrancelhas, baixou a destra, prestes a fulminar.

*

O terceiro Mensageiro expoz:

«Vi as ilhas obscuras, mais mysteriosas do que a Africa, onde o preto carniceiro offerece ao hospede o olho esquerdo de seu filho recemnascido; vi as opulentas Americas, sacudidas pelo movimento das machinas, onde as almas não teem outra visão que não seja o fumo sahindo das chaminés das fabricas. Vi a Europa, abominavel e encantadora!

Se attingisse a sua dupla ambição, estaria toda coberta de ouro e de sangue; mas exhala-se d'ella um aroma de flores, proveniente das mulheres moças. Ali, os homens ignoram que tu existes, Deus poderoso que os julgas! E, com a fé que te creou, perderam elles todas as bellas crenças. Confundiram com o vil barro da terra os pudores, as caridades, as ternuras, cuja divina essencia só se revela aos olhos do poeta: a ave-esperança deixou de armar o ninho nos floridos ramos do sonho! Desdenham o heroismo e zombam do amor! Ouviram fallar de amisade, de fidelidade ao juramento, mas ignoram o que isso seja; poderiam dizer do sacrificio: «E' alguem que eu não conheço».

São a avida cubiça do ouro amontoado em moedas, em notas: que lhes importa o vacuo dos corações, com tanto que os cofres estejam replectos, cheios a trasbordar de um capital, bem ou mal adquirido, isto é de luxo, de orgulho satisfeito, de ambições realisadas, da miseria dos pobres que os invejam?

E, decadencia suprema, os infelizes odeiam o amor!

A despeito de tantas esposas formosissimas, de tantas virgens pudibundas, de tantas cortezãs impuras, não poderão jámais conhecer a ineffavel alegria que desabrocha, como a flôr do céo, do hymeneu de duas almas; e, mesmo que lhes fosse dado colher essa flôr, trocal-a-hiam de bom grado por um maço de notas.

Beijam os labios de rosas, as faces de neve, namoram e casam, com a mesma tranquilla impassibilidade com que poderiam almoçar e jantar: mas não ha um unico, entre esses homens, que guarde nas paginas de um livro uma violeta offerecida pela noiva ideal.

Um dia, esses homens amarrados ás suas prosaicas alegrias, ás suas ambições devoradoras, ás suas duvidas impias, são acommettidos de uma raiva violenta como uma febre.

Não podendo amar, odeiam! Aggridem-se mutuamente, allucinados, lançando gritos de morte que regosijam os cemiterios; e, nos campos de batalha ou nas praças publicas, entre as ruinas e os incendios, corre mais sangue do que em torno dos monstruosos carneiros dos negros principes africanos!»

A estas palavras, o Deus terrivel ergueu-se. Ia fazer o signal punidor dos mundos culpados, e a terra, justamente castigada, despapareceria para sempre no incommensuravel abysmo.

*

Mas chegou um quarto Mensageiro, e concluiu:

«No momento em que eu me voltava para o azul do paraiso, lancei um ultimo olhar á morada dos homens: ao longo de uma azinhaga, embuscada no arvoredo, em uma aldeia, onde se viam algumas cabanas de colmo, duas creanças caminhavam,—um rapaz de dezeseis annos e uma rapariga de quinze,—ambos loiros, risonhos, de mãos dadas, não fallavam, mas contemplavam-se com um longo olhar enternecido...»

Ouvindo isto, o Deus justo não acabou o signal punidor dos mundos, e a terra não foi anniquilada, graças ás duas creanças que se amavam.

ESMERALDA.

QUE PANDEGO!

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA